

14328 - Programa em rede de pesquisa – desenvolvimento em sistemas de produção com atividade leiteira na região noroeste do RS (rede leite): a visão da extensão rural

Research network program - developing production systems with dairy farming in the northwestern RS (the milk network): the vision of the rural extension

BRUTTI, Cleuza¹, POZZOBON, Gilberto²; SCHRÖDER, Auria³; BORTOLINI, Gilberto⁴; SCHOMMER, João⁵

1 Emater/RS-Ascar, cbrutti@emater.tche.br; 2 Emater/RS-Ascar, pozzobon@emater.tche.br; 3 Emater/RS-Ascar, auria@emater.tche.br; 4 Emater/RS-Ascar, gbortolini@emater.tche.br; 5 Emater/RS-Ascar, jschommer@emater.tche.br

Resumo: Este trabalho apresenta a visão dos extensionistas da Emater/RS-Ascar sobre a Rede Leite, desenvolvida, desde 2003, no Noroeste gaúcho, região que mais produz leite no Estado. Experiência inédita no país, a Rede surgiu da necessidade de dar uma resposta à falta de qualificação de agricultores, à baixa produtividade de leite, à rejeição de mercados, ao isolamento social, ao sofrimento físico e à falta de pesquisa no Noroeste. Em dez anos, conseguiu aproximar nove diferentes instituições, levar a pesquisa até as pequenas propriedades rurais e transformar o modelo de Extensão Rural praticado pela Emater/RS-Ascar.

Compõem a Rede Leite: Emater/RS-Ascar, Embrapa (Pecuária Sul e Clima Temperado), Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul, Universidade de Cruz Alta, Universidade Federal de Santa Maria, Fundação de Amparo à Pesquisa Agropecuária, Instituto Federal Farroupilha – campus Santo Augusto, Cooperfamiliar e Associação Gaúcha de Empreendimentos Lácteos.

Palavras-Chave: Leite; Unidade de observação - UO; Planilha de Sistematização da Produção.

Abstract: This work presents the vision of the extensionists of *Emater/RS-Ascar* on the Milk Network, which has been taking place since 2003 in the North-western region of Rio Grande do Sul, the region with the highest milk production in the State. As an unprecedented experience, the Network arose from the need to find a solution for the lack of farmers' qualification, the low milk productivity, the rejection of markets, the social isolation, the physical suffering and the lack of research in the Northwest. In ten years, it succeeded in bringing nine different associations closer, including even little rural areas in the research and transforming the Rural Extension model carried out by *Emater/RS-Ascar*.

The Milk Network is composed of: *Emater/RS-Ascar*, *Embrapa (Pecuária Sul and Clima Temperado)*, Regional University of the Northwest of Rio Grande do Sul, University of Cruz Alta, Federal University of Santa Maria, Agricultural Research Support Foundation, Farroupilha Federal Institute –Santo Augusto campus, *Cooperfamiliar* and *Gaucha Dairy Business Association*.

Keywords: Milk; Observation Unit – OU; Production Systematisation Spreadsheet.

Contexto

A experiência chamada Rede Leite, inédita no país, vem ocorrendo na região administrativa da Emater/RS-Ascar de Ijuí. Os 46 municípios que fazem parte dessa região estão localizados na Mesorregião do Noroeste Rio-Grandense, atualmente, a maior produtora de leite do Brasil.

Neste espaço, localizado no Sul do país, há 10 anos, a Rede Leite se apresenta como uma resposta corajosa à falta de qualificação de agricultores, à baixa produtividade de leite, à rejeição de mercados, ao isolamento social, ao sofrimento físico, à falta de pesquisa. Sobretudo, a Rede Leite se apresenta como uma luz que ilumina ambientes solitários de instituições de pesquisa, ensino e extensão rural.

Em 2013, a Rede reúne 67 propriedades rurais e nove instituições: Emater/RS-Ascar, Embrapa (Pecuária Sul e Clima Temperado), Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (Unijuí), Universidade de Cruz Alta (Unicruz), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Fundação de Amparo à Pesquisa Agropecuária (Fepagro), Instituto Federal Farroupilha – campus Santo Augusto (IFF), Cooperfamiliar e Associação Gaúcha de Empreendimentos Lácteos (Agel).

A Rede Leite nasceu da incerteza, gerada em 2003, sobre a eficácia do modelo de pesquisa e extensão rural na promoção do bem-estar social dos pequenos agricultores gaúchos. A pesquisa não se comunicava com a extensão rural. A resposta a esse dilema chamou-se Rede Leite. Não é uma resposta acabada, mas um processo orgânico, que pulsa, tem coração e pernas para caminhar conforme a maioria bem entender.

A construção da Rede Leite e as transformações que provocou no modelo de Extensão Rural praticado pela Emater/RS-Ascar, na visão dos seus extensionistas, é o objeto de análise desta sistematização.

Descrição da experiência

Os primeiros ensaios de articulação são retroativos a 2003 e envolvem profissionais abnegados e idealistas da Emater/RS-Ascar e Fepagro. Em seguida, foram agregando-se profissionais da Unijuí e Embrapa Pecuária Sul. Em 2010, a Rede Leite obteve a adesão formal das instituições, como bem definiu um extensionista da Emater/RS-Ascar: “as articulações acontecem primeiro entre as pessoas, que, assim, vão abrindo caminhos nas instituições”.

Em seus primeiros encontros, o grupo que pensava a Rede Leite esforçava-se para definir uma metodologia, influenciados pela metodologia Pesquisa-Desenvolvimento. “Este processo contínuo, cíclico e participativo de observação da realidade, análise, proposição e investigação, é característico da metodologia de Pesquisa-Desenvolvimento”. Em uma definição, extraída do site oficial da Rede Leite, diz-se que ela é “um Programa de Pesquisa-Desenvolvimento que tem o objetivo principal contribuir para o fortalecimento e viabilidade da agricultura familiar na Região Noroeste do Rio Grande do Sul, a partir da geração de conhecimento em um processo de integração entre pesquisadores, extensionistas e famílias de agricultores”.

Os extensionistas passaram a levar em conta o modo particular de gestão de cada unidade de produção e as razões pelas quais os agricultores tomavam suas decisões. As propriedades, agora, não eram mais vistas como “modelos”, mas, como “referenciais”, a partir dos quais podia-se debater sobre estratificação econômica, ambiental e cultural. “Eu aprendi muito neste processo de observar mais, tentar entender a família. Esse pra mim é o grande salto da Rede Leite. Antes, tínhamos

um objetivo, um foco, uma proposta de trabalho. A partir da Rede Leite, a gente começou a discutir as propostas ‘com’ a família.”, disse um extensionista. “O olhar sistêmico qualificou o nosso olhar e isso é o que tem ajudado o nosso trabalho em outras propriedades”, opinou uma extensionista. “Buscamos fazer com que o produtor expresse onde dói mais e, às vezes, não é no econômico”, disse um outro extensionista. “Nosso esforço deve ser o de compreender a racionalidade, os motivos que levam o produtor a desenvolver um determinado sistema de gestão e a partir de então questionar: será que esse sistema é sustentável a longo prazo?”, referendava, em 2008, o então pesquisador da Embrapa Clima Temperado, Jaime Wünsch, falecido em 2011.

O diagnóstico, agora visto como um diamante com suas múltiplas faces, provocou uma quebra de paradigma na definição de papéis. Extensionistas das áreas social e técnica tiveram de somar suas expertises e construir uma agenda comum de visitas aos agricultores. É preciso lembrar que esta divisão, entre a área técnica e social, existe há mais de meio século na Emater/RS-Ascar.

Extensionistas de Bem-Estar Social, algumas mais que outras, se desafiaram a compreender novos conceitos, como fertilidade do solo, forrageiras, sanidade animal, entre outros, que fazem parte do trabalho dos técnicos. Os extensionistas da área técnica, por sua vez, passaram a refletir sobre bem-estar das famílias e sucessão rural. “Antes, as extensionistas da área social não se envolviam muito com a produção de leite. Hoje, tanto as extensionistas sociais como técnicos visitam as propriedades e o produtor vê as duas áreas como sendo Emater. Isso proporcionou a mudança nas equipes”, disse uma extensionista de Bem-Estar Social.

As visitas constantes despertam uma ponta de inveja em certos agricultores que não fazem parte da Rede. “A nossa relação ficou mais próxima e, isso, inclusive, desperta ciúmes nos vizinhos: por que estão indo mais na casa do vizinho do que na minha?”, narrou uma extensionista.

A Rede Leite incentivou os extensionistas a desenvolver suas próprias metodologias e ferramentas de gestão. “Nossas colegas tiveram de cortar e pesar pastagem, com isso, exercitamos um método, aprendendo-fazendo, e isso deu segurança ao extensionista, que se desafiou a saber mais também sobre metodologia”, destacou uma extensionista. “Trabalhamos muito para buscar metodologias que pudessem fazer o produtor entender”, disse uma extensionista.

Após três anos, um extensionista da Emater/RS-Ascar criou a Planilha de Sistematização da Produção (PSP), por meio da qual é possível interpretar vários indicadores de uma propriedade.

O conceito de tecnologia mudou. “A Rede Leite mostrou que a tecnologia tem que ser pensada e adequada para cada realidade”, opinou uma extensionista de Bem-Estar Social. “Buscou-se tecnologias mais simples, adaptáveis à realidade, com meios que o agricultor dispõe, sem dependência externa. Essa ideia se contrapõe à noção de que a tecnologia tem de ser ‘de ponta’”, disse outra extensionista. “A roçadeira motorizada autopropelida, por exemplo, já era quase um pacote tecnológico! Isso dá uma ideia de como há concepções diferentes sobre modelos de tecnologia, que, na Rede Leite, foram quebradas”, apontou um

extensionista. “Essa visão de tecnologia é diferente entre os nossos Regionais da Emater. Depois que os colegas de outros regionais visitam as propriedades da Rede Leite e conversam com os produtores, eles começam a entender isso”, disse um outro.

Na conceituação da Rede Leite, as pequenas propriedades rurais que aderem à Rede, são chamadas de Unidades de Observação (UOs). Quando uma delas recebe acompanhamento criterioso, passa a ser chamada de Unidade de Referência (UR). Os procedimentos realizados nestas duas Unidades são similares, a diferença é que, nas UR, os extensionistas e pesquisadores atuam com mais rapidez para efetivar ações e testar proposições.

Terceiro nível de organização, além das UO e UR, as Unidades de Experimentação Participativa (UEP), implantadas nos Centros de Experimentação das instituições envolvidas, testam experimentos científicos que possam suprir as demandas que surgirem nos níveis anteriores (UO e UR).

Uma estratégia adotada para fortalecer a malha interativa foram os Encontros das UO, que ocorrem em forma de rodízio. Os encontros comprometem os anfitriões, equipe da Emater/RS-Ascar e agricultores, a apresentar seus erros e acertos. Trata-se de uma corajosa exposição pública, somente possível em razão da confiança de que os convidados são generosos e diplomáticos.

A maturidade adquirida nos Encontros da Rede Leite tem feito com que os extensionistas reduzam seu protagonismo, em favor dos agricultores. Ao abrir mão da necessidade histórica de aparecer, os extensionistas brilham, porque sua generosidade consegue soltar a voz de quem nunca falou em público. Agricultores e seus filhos são narradores da própria história. Não são mais “contados”, eles é que “se contam”. “O extensionista escuta mais e fala menos. Estamos valorizando o conhecimento do agricultor e o que ele sente”, disse uma extensionista.

Em 2011, foram estruturados sete Grupos Temáticos (GT): Ambiental, Social, Econômico, Fora da Porteira, Forrageiras, Qualidade do Leite e da Comunicação. Fruto desse trabalho, estão sendo desenvolvidos vários projetos de pesquisa.

Resultados

- A pesquisa chegou às propriedades rurais do Noroeste, com aproximação de nove Instituições que, atuando com visão sistêmica, contribuem para a eficiência produtiva da atividade leiteira.
- Extensionistas das áreas social e técnica passaram a atuar juntos e a escutar mais, ousando testar novas soluções tecnológicas adaptadas à realidade dos agricultores.
- Adoção do Diagnóstico e da Planilha de Sistematização da Produção (PSP).
- Ao processo de produção de leite passaram a se incorporar temas de cunho social.
- Aumentou a credibilidade da Emater/RS-Ascar perante os agricultores.

- Instalação, em Ijuí, de escritório da Embrapa Pecuária Sul.

Agradecimentos

Aos agricultores familiares. Às Instituições parceiras da Rede Leite. À Cordula Eckert, da Gerência de Planejamento da Emater/RS-Ascar.